

Palavras Permanentes
Episódio 4

[música Gal Costa]

*Não sou mais tola, não mais me queixo
Não tenho medo, nem esperança
Nada do que fiz, por mais feliz
Está à altura do que há por fazer
Eu viveria tantas mortes
E morreria tantas vidas
E nunca mais me queixaria - Nunca mais*

[Felipe Hirsch] Eu não funciono muito bem de primeira ideia assim, sabe? [Estalo de dedos] Até pode ser que a minha intuição me leve na primeira ideia e eu volte a ela, mas eu não consigo admitir uma coisa de primeiro pensamento não. Eu tenho uma tendência muito grande a escolher um texto não a partir da qualidade literária só, somente, claro que também, mas da ideia de que ele me traz para dentro de um trabalho artístico. Na verdade, um trabalho sempre começou de uma maneira muito íntima para mim, escolhendo o que eu queria fazer, aquela ideia, como é que eu vou desenvolver essa ideia, qual a linguagem, qual a forma que eu vou descobrir, qual a linguagem que eu vou ter que desenvolver para falar sobre essa ideia. E esse processo é muito íntimo, depois passa a ser muito racional, muito estudo, de muito pensamento, de sempre também me questionar muito. Quando eu tenho certeza absoluta, eu me questiono de novo. É um pouco neurótico, eu me derrubo o tempo todo, até que, em um momento, eu possa dizer que eu tenho a tal certeza, e aí passa ser um processo mais emocional.

[Mariana Lima] O caos me atraiu muito. Eu gosto da loucura de cada um, é um respeito pela loucura de cada um, porque eu tenho a minha e eu sou fascinada pela loucura dos outros, fascinada pela capacidade que os outros têm de imaginar mundos diferentes e coisas diferentes e terem projetos e coisas de que eu falo: “meu Deus, essa pessoa é completamente louca, que bom que ela é completamente louca, ela está vislumbrando um troço no meio do sertão de não sei onde e vai levar 150 pessoas para lá numa equipe para contar uma história!” Os processos sempre são muito diferentes, e acho que eu desenvolvi uma capacidade meio “Zelig” assim de me adaptar a esses diferentes processos porque eles são radicalmente diferentes. É, uma coisa é você estar em sala de ensaio com Felipe Hirsch, outra coisa é você estar em sala de ensaio com a Cibeles Forjaz, outra coisa é você estar em sala de ensaio com sei lá, o Enrique Díaz. Eu sou permeável a essas idiosincrasias, eu gosto deles, assim, delas. Elas me ajudam a me transformar e a criar, eu gosto. Então, quando é muito diferente, eu gosto mais ainda, porque daí eu tenho que me adaptar àquele deserto que eu nunca fui. Eu tenho que andar. Aí, naquele deserto, eu tenho que estar com aquele sapato para o deserto, com a calça para o deserto, com chapéu para o deserto. Não adianta, é diferente da paisagem lunar do outro que eu tinha que estar com a outra **[risos]**, entendeu? Tem sempre uma adaptação que é feita, que eu acho muito boa e muito estimulante. Esse flerte existe e ele é um... um alerta, entendeu? Acho que a gente está sempre na beirinha de um processo de enlouquecimento assim, de ir e não saber voltar. Eu, várias vezes, atravessei essa porta sem levar chave nenhuma e ficar perdida lá achando que eu era aquilo lá que eu estava fazendo, mas, várias vezes, isso, durante uma boa parte da minha vida, eu queria mais era ir e não ver se estava com chave para voltar. Aí

depois eu fui vendo o quanto isso é danoso para o meu equilíbrio mental. Se você quer ser mãe, se você quer ter uma vida mais ou menos equilibrada e não sei o quê, você precisa ir tomando conta. Anos e anos de terapia, análises, de conversa, de leitura e tal para saber que tem que ir com uma chavinha.

[Passos]

[Respiração funda]

[Risos baixos]

[Felipe] Meu Deus, como é difícil começar.

[Mariana] É muito difícil.

[Respiração fundo]

[Mariana] “tim tim”

[Felipe] “tim tim”

[copos batendo]

[Felipe] Mas eu tinha pensando numa coisa antes, caso eu passasse por esse aperto de ter que começar, e... Uma pergunta já terrível, que é o seguinte, uma coisa por te conhecer assim. Eu que sei você é uma pessoa que vive angustiada...

[risos de Mariana]

[Felipe]... com o que você quer fazer, com o que você pretende naquele momento do teu trabalho, é... o que, neste momento, está te angustiando?

[Suspiros]

[Mariana] Ai, muitas coisas... [risos] - Talvez eu esteja num dos momentos mais angustiados da vida assim, embora minha vida seja uma sucessão de momentos angustiados e eu fico pensando: “Meu Deus, por que, né? ”

[Felipe] A gente tem exatamente a mesma idade e, de alguma maneira, a gente passa por angústias, infantilidades ou nostalgias ou aprendizados muito semelhantes. A gente vê o mundo de um jeito... embora tenha ficado bem afastado, né?!

[Mariana] É, você veio para São Paulo, eu fiquei lá no Rio e tal... Mas eu tenho me sentido artisticamente muito cansada. Já não sei se você se sente assim, que de fora eu falo:

“c@#%^& o Felipe produz muita coisa e eu sempre fico muito admirada e aí, assim...”

[Felipe] Mas, a verdade é que eu cheguei em 2012 exausto do que eu fazia no teatro em 30 anos, entrando numa sala e repetindo, repetindo, com certo formalismo clássico do ensaio assim, uma ideia um pouco é... que vai se fechando em crenças, em como se ensaia.

Nessa reviravolta de 2013 que... nesse Coletivo que a gente chama de Ultralíricos, aconteceu isso justamente. Primeiro assim, tinha esse cansaço... não era um cansaço, era uma infelicidade, uma exaustão imensa de estar numa sala de ensaio. Eu chegava normalmente para o primeiro dia de ensaio extremamente feliz com meu material novo, a lancheira e tal.

[Risadas de Mariana]

[Felipe] No segundo dia, quando eu pensava... No final do primeiro dia, quando eu pensava que tinha o segundo dia, eu falava... eu ficava desesperado. Acho que fez uma coisa muito importante com esses 20 anos da Sutil Companhia. Eu tenho muito orgulho, mas eu não tenho o menor interesse em olhar para trás, assim!

[Mariana] É uma ideia também de Companhia também diferente, né?! Hoje a Ultralíricos deve ser uma Companhia.

[Felipe] É um Coletivo!

[Mariana] É um Coletivo, não é uma Companhia como era a Sutil.

[Felipe] Não é totalmente diferente.

[Mariana] Você falou: “ah, na época da Sutil, primeiro dia de ensaio, aí no segundo dia”... Como é que você articula, porque isso tem acontecido muito, aos 45, **[risos]** de falar “não quero mais, não quero mais brincar”. Por exemplo, alguém me chama para um trabalho é, eu tenho que tomar cuidado para isso não virar uma coisa assim, tipo... como se o trabalho fosse assim: eu dizer não para essa pessoa. E eu tenho tido sorte de estar sendo chamada para coisas muito legais e já, em dois dias, estar extremamente envolvida, a ponto de ficar culpadíssima de dizer: “olha, eu não posso fazer isso porque eu não tenho tempo para fazer isso”. Então eu estou tentando lidar... É realmente uma questão lidar com... não responder. Então, sei lá, é um exercício. Por isso que eu te perguntei como é que você faz para separar. Você me falou que você sai de casa, vai lá para um espaço de manhã, você escreve uma coisa, de tarde, você ensaia. Isso já é um jeito de dividir uma carne muito grande em bifes menores e você ir dando conta.

[Felipe] Olha, não chega a ser uma fórmula tão bem feita não. Eu sou muito desorganizado, sabe?! Eu sou muito desorganizado. A Bel Teixeira, que é minha amiga, nossa em comum, ela, enfim... a gente curte muito o trabalho um do outro. Ela fala assim: “cadê teus cadernos, as coisas que você deixa...” - não, tudo vai para o lixo. Eu não tenho nada. Eu escrevo num papel de pão ali. Sempre foi. Guardanapo...

[Mariana] Você não tem blocos de anotações?

[Felipe] Não, eu tento. Eu compro assim, eu viajo, sei lá. Eu estava no Japão e o Japão é o paraíso disso. Eu comprei cadernos incríveis. Quando eu cheguei aqui, usei uma página e já... eu não guardo nada.

[Mariana] Acho que a gente não tem registro nenhum **[risos]**. A Bel deve sofrer porque a Bel ama isso. **[risos]**

[Felipe] Exatamente. A Bel quer guardar tudo, né?! Não, eu não tenho o menor problema - uma questão que existe - eu tenho milhões que a gente pode abordar aqui, mas posteridade não é comigo.

[Mariana] Ai que bom! Então é uma coisa de que você já se livrou?!

[Felipe] Já me livre, aliás, acho que a coisa do teatro tem a ver com isso. Por isso que eu sempre detestei vídeos de teatros, filmagem, é... eu costumo falar com a Dani. A nossa questão não é a posteridade, é não passar vergonha em vida **[risos]**.

[Mariana] Pois é...

[Felipe] É tentar manter a vida um pouco *[gaguejo]* é, enfim, possível e interessante para alguém. Posteridade realmente não...

[Mariana] Eu não consigo ver nenhum trabalho meu, sabia? Inclusive de cinema e TV.

[Felipe] Deve ser muito difícil. Para ator é difícil, né?!

[Mariana] Meu Deus! É muito difícil, assim, o trabalho de... Outro dia, alguém falou: “ah, putz **‘Sessão de Terapia’** é tão bom”, e aí eu falei: “ah, eu vou dar uma olhadinha”, eu olhei 1 (um) minuto e falei: “pelo amor de Deus, ninguém falou pra gente que aquilo estava daquele jeito”.

[Risadas]

[Silêncio]

[música]

[Felipe] Lembra de uns momentos assim, *[caguejo]* no que você fez em... artisticamente, enfim, em que você foi plenamente feliz, que você... Ainda não estou falando de nostalgia não, mas de um momento em que você estava plenamente feliz?

[Mariana] Ah, muitas vezes!

[Felipe] Feliz de verdade?

[Mariana] De verdade! Geralmente tem um momento em que eu atinjo, assim, uma espécie de orgasmo no trabalho. Eu atinjo um momento de felicidade plena. Quando eu consigo atravessar essa crise inicial que sempre me acompanha, sei lá, pô, 'Pterodáctilos', eu fui extremamente feliz durante um bom tempo, depois eu fui ficando menos feliz porque eu fui ficando cansada do peso que a personagem tinha, mas... 'Apocalipse' também, que era super pesado, teve momentos de felicidade plena, não no sentido de uma existência feliz, onde eu estou, é, sei lá, "budisticamente", assim... né, tranquila!

[Felipe] Mas 'Apocalipse' não tem a ver com a idade, com a juventude?

[Mariana] Não, tem a ver com a idade. Mas eu poderia dizer vários momentos, por exemplo, em set de filmagens, que é difícil você passar por várias crises, mas que eu me lembro de estar plenamente exercendo meu lugar aqui. Eu estou plenamente aqui, e isso me dá uma sensação de alegria e de prazer muito grande.

[Felipe] E o que te tira desse lugar?

[Mariana] Geralmente é o processo, geralmente é a dúvida, a incerteza, é a insegurança que me atravessa antes. É uma falta de apoio que, por exemplo: quando eu não tenho é... agora, eu estou pensando! Eu acho que isso tem a ver com uma sensação de solidão, de só eu agora. Se sou só eu agora, sou responsável por isso aqui acontecer, eu vou ficar desesperada. Mas se tem um diretor, um ator, uma atriz, uma diretora, onde aquilo está, eu estou vendo aquilo ali, está acontecendo, geralmente o estado de plenitude vem de... vamos dizer assim. Esse gozo de felicidade de que você está falando tem a ver com isso.

[Felipe] Mas é algo interno então, não é a vida que entra lá...?

[Mariana] É totalmente interno.

[Felipe] Não é a vida que entra lá e te puxa?

[Mariana] Não é... e eu sou muito feliz trabalhando. Quando eu não estou trabalhando, por exemplo, eu sou uma péssima mãe, uma péssima dona de casa, sou uma péssima esposa, mulher sei lá. Eu sou tudo ruim quando não estou trabalhando. É terrível isso na minha vida **[risos]**. Quando eu estou trabalhando, eu sou uma Mãe maravilhosa, sou uma mulher maravilhosa. Eu chego a ser uma dona de casa, eu chego a fazer crochê. Teve uma época em que eu estava filmando muito, loucamente e... eu comecei a fazer crochê, aprendi crochê num tutorial de internet e fiz colchas de crochê, almofadas de crochê, coisas gigantescas de crochê, lindas. Quando eu estou trabalhando muito, eu estou lendo mais, por incrível que pareça, porque eu leio nas brechas, porque eu encontro tempo, eu encontro tempo para ler. Se você me der um tempo vazia em casa com as minhas filhas, eu vou enlouquecer, eu vou ler sete livros ao mesmo tempo e não vou terminar nenhum. Então esse é o meu...

[Felipe] Por que você vai começar a pensar em outras coisas e...?

[Mariana] Não sei, eu viro... portanto, eu sou mais feliz trabalhando, mesmo que o meu ambiente no trabalho seja um ambiente difícil, sei lá, seja uma coisa que esteja... eu estou ali e...

[Felipe] Acho que eu sou um pouco assim também. Você quer aquele dia de folga, mas basta aquele dia de folga, o segundo... Paulo Autran falava isso também. Falava assim: "Ai, eu queria tanto 15 dias de folga" - aí ele ficava dois dias de folga, e: "e agora, o que a gente vai fazer?"

[Mariana] [Risadas] E agora?

[Felipe] "O que que a gente coloca no nosso projeto?" - A gente tira folga para pensar no próximo projeto. Essa é a verdade, né?! Nosso ano sabático é trabalhando para o próximo ano. Se a gente quiser um. Nunca tive essa oportunidade, eu sonho com isso.

[Mariana] Eu sonho, mas ao mesmo tempo, eu acho que eu vou pirar. O que você vai fazer no seu ano sabático, vai estudar?

[Felipe] Eu imagino é... me conhecendo, acho que eu vou enlouquecer. Tem que ser num...

[Mariana] Viajar, né? A gente poderia tirar 1(um) ano sabático viajando...

[Felipe] Viajar, é! Viajar é uma coisa que me faz muito bem, porque, de fato, eu desligo, de fato, eu desligo.

[Mariana] Mas, assim, se você pensar num ano sabático, você faria o quê? Você iria para onde? **[risadas]**

[Felipe] Eu iria para um lugar com sol e cachorro, porque é uma coisa que eu não tenho na minha vida.

[Risadas de Mariana]

[Felipe] Eu sempre penso num lugar com sol e cachorro, mas não é praia, porque eu não faço questão de praia, e também não é um local silencioso. É um local que tenha sol e cachorro, que são as duas coisas que eu não tenho.

[Mariana] Mas é uma perspectiva real assim, tipo, daqui a um tempo, você vai dar uma parada, é?

[Felipe] É! Enfim, não sei do que eu vou viver. Vou viver de... vou andar com os cachorros, andar com os cachorros.

[Mariana] As pessoas ficam falando: "ah, eu vou embora. Eu vou para Portugal".

[Felipe] Mas, Portugal?! Todos os nossos bandidos estão indo para Portugal. Estão comprando Portugal inteiro. Você está em Paris, e o taxista fala: "meu sonho é ter uma casa em Portugal" - você está em Berlim: "meu sonho é ter uma casa em Portugal". E você chega em Portugal, a gente chegou agora com a peça, lotado, aí eu falei: "não, mas isso é final de semana". Segunda-feira, a mesma coisa. Terça-feira, a mesma coisa. E brasileiros, e brasileiros, gente do mundo inteiro e alguns brasileiros. A gente estava num... é, depois da peça, uma pessoa de uma mesa do lado ofereceu um jantar pra gente. Eu achei estranhíssimo. Eu falei: "o que aconteceu? Viu a peça?" Era um brasileiro. Eu falei: "que brasileiro é esse?!" e tal...

[Risos de Mariana]

[Felipe] Aí ele chegou na mesa e falou o nome dele...

[Mariana] *E o elenco grande, um jantar grande* **[risadas]**

[Felipe] O elenco, né?! O elenco já feliz, os vinhos e tal. E eu falei: "olha, gente, não aceitei nada". Eu dei uma 'googlada', o cara estava foragido, tinha desviado não sei quantos milhões...

[Mariana] E estava pagando o jantar... **[risadas]**

[Felipe] E estava pagando o jantar, e eu falei: "soltem esse vinho agora, pelo amor de Deus. Não aceitem isso!" Não tirei, não aceitei nada. Então Portugal não é uma opção boa não, mas é uma ideia bem...

[Mariana] A gente vai ter que começar a pensar nisso, daqui a pouco...

[Felipe] Um lugar, Uruguai, também não tem muito sol... A coisa mais dolorosa para mim, nos últimos tempos, tem sido em relação ao tempo, tem sido a descoberta de que envelhecer não tem nada a ver com o que eu imaginava que era.

[Risos e suspiros de Mariana]

[Felipe] É, quando a gente é invencível, jovem, eu imaginava que envelhecer teria a ver só com a minha condição física, é... mental, mental no sentido de lembrar das coisas, uma saúde mental, enfim. E foi doloroso perceber o envelhecimento no seguinte sentido, no sentido de que o que envelhece é o teu tempo; O que envelhece é o que está do teu lado. Você também, claro mas envelhecem teus amigos, tua família, que já era mais ou menos

velha, e aí fica muito velha. Aí você vê todo aquele asilo, assim... e os teus amigos e o teu tempo...

[Mariana] Como a gente tem 110 anos cada um... **[risos]**. E tem essa coisa também, acho que a gente foi... a gente teve convivência sempre com pessoas mais velhas e um estado de precocidade, então é... Eu estou com 45, mas, quase na maior parte do tempo, eu acordo com 60, com 70. Eu consigo sentir essa depressão em mim, já, de me sentir mais velha do que eu sou, até porque, quando eu tinha 20 anos, eu estava com 30 já... e realmente é uma condição, né?! E a gente inevitavelmente vai querer brigar com isso, porque a gente não quer ficar velho, e deprimido, e cansado, e com essa sensação que já é, de alguma maneira, sensível e palpável para a gente.

[Felipe] *[Gaguejando]* Eu tenho vivido muito por, uma série de razões, o dia, agora, naquela coisa de budismo de banca de jornal, sabe?! Que você vive o dia, não existe passado, não existe futuro, é... o passado, ok, você já foi feliz, já é uma benção incrível, e futuro é absolutamente irrealizável, então eu tenho vivido o dia.

[Mariana] Essa coisa budista de banca é um exercício saudável mesmo, porque eu acho que a gente retém aquilo que nos mantém vivos num nível saudável mental, porque não dá para guardar tudo, assim. E, agora, a gente vai ter que mexer em todos os fantasmas **[risadas]**.

[Felipe] Mas aí a gente inventa uma ficção, sei lá. Mas eu lembro, eu imagino que deve ter sido muito difícil para você.

[Mariana] **[risadas]** Eu quero, eu estou chegando aí, eu vou chegar aí.

[Felipe] Eu pensei assim, de cara, eu pensei que o melhor encontro seria o nosso, porque, primeiro que acho que é uma questão de geração mesmo; segundo, porque a gente tem pouca chance de se encontrar. A gente se encontrou uma vez na vida, no palco...

[Mariana] E foi tão bom, né?!

[Felipe] Foi maravilhoso. E acho realmente você a maior atriz dessa geração...

[Mariana] **[Suspiros]** Ah, para... **[risadas]**

[Felipe] Você me desculpe por isso, por esse título, mas acho. Qualquer coisa que... é a Mariana a primeira pessoa em que eu penso, e a primeira pessoa também em que eu penso: "ela não vai poder" - porque eu sei que você está com mil coisas.

[guitarra]

[Felipe] *Muitos anos atrás, eu li um conto irlandês, se eu não me engano. Ele falava sobre, ah... ele tinha um parágrafo alguma coisa assim em que ele falava: "uma foto não tirada".*

Eu fiquei com isso na cabeça... eu estou falando de 20 anos atrás, 18, 20 anos.

É um conto irlandês. E eu fiquei com isso na cabeça, da ideia de ter uma foto não tirada, de como seria isso. Na verdade, eu nunca li esse conto, mas eu conto essa história. Eu nem sei se isso aconteceu. É uma história que eu elegi contar, então é isso... esse projeto todo sai de um conto irlandês. O que eu te pedi são fotos de uma época da tua vida, enfim, na época da nossa vida em que a gente só tem algumas fotos. A gente não tem três mil fotos de uma posição, ou de uma criança que nasce agora como é, como tem essas novas gerações com fotos digitais. Então, você me mandou essas fotos é... e você sofreu com cada uma que você escolheu... e eu mandei para esses escritores brasileiros, latino-americanos. E é isso que eu quero gravar com você agora e queria te mostrar, te mostrar um pouco as fotos e o que eles escreveram sobre cada uma dessas fotos. É claro que isso vai gerar contradições. Eles estão inventando. Eles estão criando algo absolutamente livres, mas a memória também é contraditória e...

[Mariana] Não, e fica muito mais fácil olhar para esse material, que é muito pessoal, sob à ótica deles, já. Então eu já estou bem menos nervosa com essa ideia, porque eu já estou, na verdade, lendo as fotos pelas palavras deles, o que é ótimo.

[Felipe] Isso vai economizar um tempo na terapia depois.

[Mariana] Tempo e dinheiro...

[risadas]

[Mariana] *“Eu me lembro dessa tarde: o sol que lambe a pele, os ruídos que labirintam nos ouvidos, os cheiros que mastigam paisagem. Eu reconheço os rostos que me contemplam agora nessa imagem; poderia talvez até mesmo evocar seus nomes, um a um. Me recordo de tudo... menos do momento em que as coisas começaram a dar errado...”*

Louco é que parece realmente um começo de um romance do Ruffato, neh...

[Felipe] Não parece. e então, esse foi o Luiz Ruffato. Olha, eu quero te mostrar o que o Sérgio Sant’anna escreveu, aliás, um dos maiores escritores nossos, vivo. O Sérgio escreveu isso aqui, sobre essa foto.

[Mariana] Essa aqui, né?

[Felipe] Isso!

[Mariana] *“A moça tinha um olhar terno e, ao mesmo tempo, introspectivo, como se ela aguardasse um amor que ainda não surgiu na sua vida.”* **[risos]**

[Felipe] É isso... Vamos gravar do Gregório já, sobre essa foto.

[Mariana] Vamos! Realmente é outra...

[Felipe] Você vê que são duas coisas completamente diferentes, né?

[Mariana] *“Nesse dia, a Ana estava bêbada. A Ana que tirou a foto. Ela também chamava Ana. Ana loira. A Ana que saiu na foto está sóbria. Outra Ana, a gente chamava. Mas parecia bêbada. Na foto. Um mês depois, a outra Ana sumiu. A que tirou a foto. A loira. Não a outra Ana. Ninguém mais ouviu falar dela. Eu mesmo também sou Ana. Ana Torres. Eu não estou nessa foto. Quer dizer, estou do lado. Olhando para as duas Anas. Que estavam se olhando. Ana, Ana e Ana. Só ficamos nós duas. A outra Ana e eu. Que não estou na foto.”*

[Felipe] Duas visões totalmente diferentes da mesma foto. E a gente tem uma aqui, que a gente não tem a foto, mas eu acho que é super interessante a gente ler, que é o Edyr Augusto. Só para você imaginar o que que ele pode ter pensado sobre você.

[Mariana] *“Sou eu. Juro. Pode acreditar. Antes de me levarem, de me atirarem em quatinhos imundos. Já não era mais eu. Era uma coisa. Homens bestas-feras. Uma vida inteira. No começo, reagi. Apanhei. Depois, fiquei inerte. Abandonei-me. Quando estava um caco, viciada, transtornada, soltaram-me. Fui à casa de meu irmão. Pensou que eu era mendiga. A mulher teve nojo. Não tinha ninguém. Moro no quintal. Tão bom meu irmão. Queria morrer logo. Eu acho que sou covarde. A foto é o que restou. Amassada, encruiilhada. Mas sou eu. Pode acreditar.”*

[Felipe] Que foto. Curiosidade, né?

[Mariana] Que foto, que loucura...

[Felipe] Olha! André Sant’anna! Eu adoro...

[Mariana] *“Um dia, no Éden, quando eu ainda não me importava demais com coisa nenhuma e me comportava feito um animalzinho tolo e animado, Deus apareceu no céu ditando um monte de ordens. Eu achei engraçado aquela autoridade toda Dele. Foi por isso que eu sorri pro Criador. Juro que foi um sorriso inocente. Mas Deus é muito sério e achou que era deboche. Ele ficou nervosinho e resolveu me dar o troco. Ganhei um espírito e vou sofrer eternamente no inferno.”*

[Felipe] Lindo, né? Olhar isso aqui, né... Você olhando para o Criador. Pablo é essa aqui, que é essa foto de que você falou...

[Mariana] É, e que eu não sei de onde surgiu essa foto e quem são essas pessoas também e nem aonde eu estou. Que loucura.

[Felipe] É você?

[Mariana] Aqui sou eu.

[Felipe] Como assim?!

[Mariana] Sou eu aqui!

[Felipe] **[risadas]**

[Mariana] Que loucura, gente! Não, não sou eu aqui. Sou eu aqui! Sou eu aqui, ó! Não?

[risadas]

[teclando]

[Mariana] Não... sou eu! Não, não sou eu não!

[música]